



DOSSIÊ MÍDIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Caroline Rangel Travassos Burity

Thais Emmanuelle Cirino Maximino da Silva

A segunda metade do século XX se diferenciou por uma revolução tecnológica nos meios de comunicação, nos sistemas de informação e na informatização dos processos de produção industrial que alteraram, significativamente, a atuação econômica, social e política dos Estados.

Essas mudanças contribuem para que a diplomacia não seja mais executada a portas fechadas. Outros atores tanto internos como externos surgiram como variáveis de modificação da nova forma de fazer diplomacia. Sociedade civil, opinião pública, ministérios do governo, administrações estaduais, municipais, e claro, a imprensa. Empresas jornalísticas privadas, redes internacionais de comunicação, portais de notícia na internet, redes sociais e até cinema passaram a ter peso naquilo que Gilboa (1987) chamou de “Diplomacia Midiática” (Media Diplomacy), estratégia que aproveita os recursos midiáticos da Era da informação na política externa.

Apesar disso, é notória a dificuldade de se reconhecer o *soft power* da mídia e sua atuação como ator nas Relações Internacionais, sendo que tal circunstância decorre da insistência teórica de identificar somente uma de suas possíveis faces, a de instrumento de divulgação de informações, o que afastaria o seu protagonismo e autonomia de ator como proposto neste dossiê. É preciso, pois, reconhecer que a mídia também age segundo interesses próprios e é sob essa perspectiva que emerge, e se configura a aquisição de seu status de ator.

Ao enveredar por essa temática, os autores deste dossiê proporcionaram uma diversidade de debates sobre a participação da mídia em questões políticas, geopolíticas, administrativas e humanitárias, com diferentes análises em relação à força deste ator para as RI.

A partir de leituras tradicionais nas Relações Internacionais (Lippmann, Thompson, Onuf, etc.) e da influência de teóricos contemporâneos das Ciências Sociais (Foucault, Bourdieu etc.) os textos percorrem a agenda global ao analisar situações comuns nas pesquisas acadêmicas, como a atuação das chamadas 'grandes mídias' em episódios de exercício de poder em conflitos territoriais, até a influência das mídias mais modernas, quais sejam as redes sociais, em temas atuais como a pandemia de covid-19.

Do construtivismo de Onuf retira-se uma das principais contribuições para o tema, o debate acerca do lugar das ideias e dos valores na análise de fenômenos internacionais. A premissa básica desse campo teórico é a de que se vive em um mundo em que, permanentemente, todos constroem, ou seja, não existe uma realidade absoluta imposta, pré-determinada, mas, sim, uma construção social, a qual é produto das escolhas humanas.

A atuação da mídia - com a capacidade de construir e de disseminar, em larga escala, realidades sociais por meio de seu discurso diário - compartilha com os outros agentes a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses, de modo que, em um movimento dialógico, a mídia é igualmente, constituída e influenciada pela estrutura da realidade política internacional.

Em oito artigos, os autores proporcionaram aos leitores um 'passeio' pelas diferentes formas de comunicação, englobando análises de textos do jornalismo impresso, de mensagens divulgadas por meio de canais digitais, e pelas fotografias que retratam a visão midiática de determinados assuntos.

A proposta de provocar o debate em torno das diferentes atuações da mídia como ator internacional, seja na velha ou na nova agenda política, provoca reflexões acerca da evolução deste papel e gera novas análises sobre o tema, sem, contudo, fechar as discussões em torno do assunto.

O primeiro artigo intitulado "OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO, A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA E A OPINIÃO PÚBLICA: O TRATAMENTO EDITORIAL DA "CRISE" VENEZUELANA NOS EDITORIAIS DA FOLHA DE S. PAULO E DO ESTADO DE S. PAULO" busca discutir as possíveis interações entre política externa brasileira, meios de comunicação e opinião pública no caso da convocação e

desdobramentos da Assembleia Nacional Constituinte na Venezuela ocorrida entre março e setembro de 2017.

No segundo artigo, a temática ambiental ganha espaço com o texto "ABORDAGEM MUDIÁTICA SOBRE O DESTERRO E A LUTA DA POPULAÇÃO NATIVA DO ARQUIPÉLAGO CHAGOS", no qual os autores discutem o caso do Arquipélago Chagos, no Oceano Índico, cujos habitantes foram expulsos pelo Reino Unido no início do século XX. A partir da análise do tratamento dado ao assunto em oito veículos de comunicação da imprensa escrita internacional, o texto propõe uma reflexão sobre violação dos direitos humanos, meio ambiente e direito de propriedade, destacando o papel da mídia na publicização do tema.

O twitter está presente nos artigos "LEITURAS DISTINTAS DE UMA MESMA PANDEMIA: UMA ANÁLISE DO TWITTER PRESIDENCIAL EM CONFRONTO COM AS NOTÍCIAS INTERNACIONAIS E A CONSTRUÇÃO DE IMAGEM DO BRASIL NO EXTERIOR" e "O CONSERVADORISMO NA DIPLOMACIA MUDIÁTICA DE ARAÚJO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE TWEETS DE 2018 A 2020". Os textos abordam a utilização da rede social para a propagação de ideias do governo brasileiro.

O meio ambiente ainda está presente no quarto artigo: "AS POLÍTICAS AMBIENTAIS BRASILEIRAS E A MÍDIA INTERNACIONAL: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GOVERNO BOLSONARO E SUA REPERCUSSÃO NA SOCIEDADE INTERNACIONAL"; dessa vez, com o enfoque sobre como a imprensa internacional abordou as pautas ambientais do governo brasileiro. Utilizando-se da teoria construtivista, os autores avaliaram matérias publicadas em jornais online de modo a verificar a percepção da mídia acerca das tomadas de decisão do país.

A cobertura dos jornais brasileiros em eventos internacionais também foi contemplada no sétimo artigo deste dossiê. Com o tema "IMAGENS DE UM CONFLITO: A MARCHA DO RETORNO PALESTINA NA COBERTURA FOTOJORNALÍSTICA DA FOLHA DE SÃO PAULO", o texto promove uma reflexão sobre a cobertura da Grande Marcha do Retorno, entre os anos de 2018 e 2019, que gerou um novo ciclo de violências entre israelenses e palestinos. A partir da análise das publicações na imprensa

brasileira, os autores discutem a influência das agências estrangeiras na mídia nacional, os interesses empresariais e a importância das mensagens passadas pelas fotografias.

A seguir, no artigo “A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA RESPIRA POR “APARELHOS”? : UMA ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS TUÍTES DE ERNESTO ARAÚJO E AS INTERAÇÕES COM A OPINIÃO PÚBLICA”, os autores optaram pela análise das redes sociais, em particular, o Twitter, para tratar sobre a política externa brasileira no governo do presidente Jair Bolsonaro. Tendo como foco as interações e declarações feitas pelo chanceler Ernesto Araújo e abordando conceitos como os de opinião pública e diplomacia midiática, o texto aponta para a utilização da ferramenta na tentativa de polarizar o debate público e manter bases eleitorais.

Por fim, no oitavo e último texto, intitulado “A “NOVA” POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA VIROU “INSTAGRAMEER”: ANÁLISE DO INSTAGRAM OFICIAL DO MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRASIL E SEU PÚBLICO”, as redes sociais retornam ao debate com a análise do Instagram do Ministério das Relações Exteriores, bem como, do público que interage com a conta oficial do Itamaraty na rede social, no governo de Jair Bolsonaro. Atual e reflexivo, o tema amplia o debate em torno das novas formas de comunicação entre o público e a classe política.